

VINÍCIUS BANDERA
Pós-doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
(viniciusbandera@gmail.com)

DOS ANJOS DAS MORTES

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra
(Augusto dos Anjos. “Psicologia de um vencido”)

Eu iria pensar profundamente
O que fazer de mim para evitar ser atingido
Pela sentença dessa mulher
Que parecia ter deixado a mensagem diretamente para mim
Por que talvez a ninguém mais ela tenha atraído tanto
Quanto a mim eu um cara que jamais quis
Ser enterrado desde quando isso faz muito tempo
Li alguns poemas do vampiro Augusto dos Anjos
Principalmente um que acentua sobremaneira
O meu pavor de ficar embaixo da terra
Por um tempo por demais demasiado
Meu pavor se multiplicou quando alguém me disse
Ser esse tempo por toda a eternidade
Gritei que não mais ambicionava a vida eterna
Nem sob excelsa boa condição prevista a ser para mim
Tirei da janela da geladeira do meu armário de cozinha
Trechos mais terríveis de alguns poemas
Que julguei que dos Anjos os houvera feito para mim
Em minha psicologia de vencido
Trechos a proclamarem ser eu filho do carbono e do amoníaco
Um verme a cuidar de me observar a anunciar
Com seu silêncio de morte que
Em não pouco mais de alguns segundos

Milhões talvez bilhões de vermes virão roer meus olhos
E todo o corpo que nunca me pertenceu
Eu a dormir embaixo da terra sem ter nada
De sono nem de cansaço com a vontade imensa
De sair e sair correndo de mim dos vermes de tudo
Parar tudo e chegar o mais rápido possível a ser acolhido
Pelos braços e regaço de minha mulher
Caso ela ainda estivesse viva
E mesmo que estivesse morta
Por que tenho comigo o pressentimento inconsciente
Sobre o fato de os mortos não terem desaprendido
A amar odiar e andar de bicicleta
Porém não tive tempo nem condição alguma de
Sequer me mexer de ao menos piscar meus olhos
De vesti-los com meus óculos escuros para
Com maior efeito terrorífico tentar assustar
Os vermes e assim sugerir que eles procurassem
Um corpo bem melhor do que o meu para
Nutrir-se à vontade eu ainda lhes diria
Seja feita a vossa vontade aqui embaixo da terra
E no inferno para onde eu pedi que
Não me convidassem a ir
Até hoje espero a resposta
Vivo suspenso pelo fio do rabo de um cavalo
Sem poder me mexer pois sei sem dúvidas que
Se eu mexer algo em mim
Morrerei mais uma vez de tanto me afogar
No fogo da eternidade
Antes de eu esquecer de tudo mudar de assunto e tentar ir em frente

VINÍCIUS BANDERA é mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (2002) e doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), com pós-doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2015). Dentre suas publicações estão os livros *Ordenação social no Brasil. Liberalismo, cientificismo e “menores abandonados e delinquentes”* (Editora UFRJ, 2015); *Mulheres da vida* (Multifoco, 2015); *Náufragos da fé* (Laço Editorial, 2012); *A genealogia em Foucault. Do poder soberano ao poder panóptico* (NEA Edições, 2013).